

## ALÉM DO OLHAR: PAISAGENS GEOFOTOGRAFADAS DE ILHÉUS, NO SUL DA BAHIA

**Rita Jaqueline Nogueira Chiapetti**

Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC  
Departamento de Ciências Agrárias e Ambientais (DCAA)  
Ilhéus, Bahia, Brasil  
[jaque@uesc.br](mailto:jaque@uesc.br)

**Jorge Chiapetti**

Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC  
Departamento de Ciências Agrárias e Ambientais (DCAA)  
Ilhéus, Bahia, Brasil  
[chiapeti@uesc.br](mailto:chiapeti@uesc.br)

### RESUMO

O objetivo dessa pesquisa é examinar paisagens de Ilhéus, no sul da Bahia, a partir de uma perspectiva geofotográfica como realidades objetivas, considerando seu significado e de que maneira estão carregadas de sentido para seus habitantes. É uma pesquisa qualitativa que tem a fenomenologia como caminho metodológico, como também, essa perspectiva para a análise de cunho geográfico-humanista das paisagens geofotografadas. Quanto aos procedimentos metodológicos, buscamos embasamento teórico-conceitual, selecionamos paisagens ilheenses significativas a partir da nossa experiência no lugar e as analisamos de acordo com a orientação metodológica escolhida. Assim, foram quatro paisagens analisadas: o Morro do Outeiro de São Sebastião, que é considerado o marco inicial da vila de São Jorge dos Ilhéus colônia, portanto, muito importante na história da ocupação portuguesa do lugar. O cacau, que representa o crescimento econômico de Ilhéus, como também, sua vida social, cultural e política, mas, principalmente, o modo de vida dos seus habitantes. A Catedral de São Sebastião, que simbolizou a riqueza do lugar no passado e a grande fé católica dos ilheenses até hoje. O escritor Jorge Amado, que divulgou mundialmente a cultura singular da paisagem cacauera regional, escrevendo seus romances com o enredo guiado pelo cacau e inspirado pelos habitantes, lugares, coisas, acontecimentos, enfim, pela cultura urbano-regional cacauera.

**Palavras-chave:** Geografia. Lugar. Geofotografia.

### BESIDES THE LOOK: GEOPHOTOGRAPHED LANDSCAPES OF ILHÉUS, IN THE SOUTH OF BAHIA

### ABSTRACT

The objective of this research is to examine landscapes of Ilhéus, in the south of Bahia, from a geophotographic perspective as objective realities, considering their meaning and how they are loaded with meaning for its inhabitants. It is a qualitative research that has phenomenology as a methodological path, as well as this perspective for the analysis of a geographic-humanist nature of the geophotographed landscapes. As for the methodological procedures, we sought a theoretical-conceptual foundation, selected significant ilheenses landscapes based on our experience in the place and analyzed them according to the chosen methodological orientation. Like this, four landscapes were analyzed: Morro do Outeiro de São Sebastião: considered the starting point of the colonial village of São Jorge dos Ilhéus, therefore, very important in the history of the portuguese occupation of the place. Cocoa: represents the economic growth of Ilhéus, as well as its social, cultural and political life, but, above all, the way of life of its inhabitants. The Cathedral of São Sebastião: symbolized the richness of the place in the past and the great Catholic faith of the people of Ilheenses until today. The writer Jorge Amado: spread worldwide the unique culture of the regional cocoa landscape, writing his novels with a plot guided by cocoa and inspired by the inhabitants, places, things, events, in short, by the urban-regional cocoa culture.

**Keywords:** Geography. Place. Geophotography.

### INTRODUÇÃO

Nossa pesquisa se insere, epistemologicamente, na Geografia Humanista, a qual pode ser definida por bases teóricas em que são ressaltadas e valorizadas a experiência, o sentimento, a intuição, a intersubjetividade e a compreensão das pessoas sobre o espaço vivido. Para Tuan (1982), a Geografia

Humanista procura um entendimento do mundo humano por meio do estudo das relações das pessoas com o meio, bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar. Em outras palavras, essa abordagem geográfica busca a compreensão do contexto pelo qual as pessoas vivenciam e organizam seus lugares, seu mundo vivido, e neles se relacionam.

Consideramos que é fundamental conhecermos o lugar em que vivemos para que o compreendamos e possamos exercitar nossa cidadania. Nesse sentido, adotamos o município de Ilhéus, no sul da Bahia, como nosso lugar de pesquisa e, conseqüentemente, alguns lugares ilheenses para serem registrados em geofotografias, representando suas paisagens.

Adotamos, nesse texto, a paisagem enquanto categoria de análise e a geofotografia como uma forma de representação espacial de lugares ilheenses. Sobre o termo geofotografia o “tomamos emprestado” do livro de Pidner (2019), *Geo-foto-grafia: narrativas espaciais nas imagens de Sebastião Salgado*, publicado pela EdUFBA, por considerarmos que ele representa exatamente o que queremos escrever: geo=lugar na Terra, foto=imagem de paisagem e grafia=escrita, ou seja, escrita sobre paisagens de um lugar da Terra chamado Ilhéus. Podemos explicar também o uso do termo geofotografia em nosso texto no sentido de analisarmos as paisagens ilheenses com um olhar geográfico ou olhar espacial, não simplesmente olhando para elas.

É assim que, as geofotografias são entendidas nesse texto como paisagens fotografadas de Ilhéus ou, escrito de outra maneira, são paisagens ilheenses reais, resultado do dinamismo dos processos espaciais e da subjetividade construída espacial e temporalmente, que podem nos levar a pensar, a conhecer e a compreender os lugares, o espaço vivido, ou seja, a paisagem como materialidade histórica da sociedade ilheense.

Com relação à paisagem, Besse (2014, p. 14) define “[...] é sempre, por essência, uma expressão humana, um discurso, uma imagem, seja ela individual ou coletiva, seja ela encarnada numa tela, num papel ou no solo”. Ainda para esse autor (2014, p. 135), a paisagem envolve a experiência espacial humana “O mundo vivido, o mundo da vida comum, o mundo cotidiano”. E Trindade (2017, p. 33) escreve “A paisagem é um dos conceitos mais importantes da Geografia, resguardadas suas temporalidades e espacialidades diversas”.

O debate sobre essa categoria geográfica pode levar à noção de paisagem-fotografia, que se trata da paisagem materializada na imagem fotográfica, uma geofotografia, uma vez que esta é uma das diferentes possibilidades de representações espaciais, que podem produzir conhecimento e consciência geográficos, visto que, mesmo a fotografia sendo uma representação subjetiva é também realista. Porém, conforme Barthes (1984) sugere, a fotografia tem a sua essência própria, distinguindo-se de outras formas de representação.

Podemos dizer que, em termos geográficos fotografamos as paisagens porque não podemos fotografar o espaço geográfico, nem nele, mas sim, com ele, instaurando a realidade por meio das paisagens vividas. Enfim, a fotografia registra a paisagem que queremos fotografar, multiplicando as possibilidades de verdades ou realidades. A partir daí, temos como problema da pesquisa: como considerar o desafio de, ao analisarmos paisagens geofotografadas de Ilhéus como realidades objetivas, podermos compreender lugares ou espaços vividos pelos ilheenses?

Assim, nosso principal objetivo da pesquisa é examinar paisagens de Ilhéus, no sul da Bahia, a partir de uma perspectiva geofotográfica, como realidades objetivas, considerando seu significado e de que maneira estão carregadas de sentido para seus habitantes. E, como objetivos específicos: identificar paisagens significativas de Ilhéus para serem geofotografadas e produzir conhecimento que possa contribuir com os significados que essas paisagens expressam sobre o lugar.

Nossa justificativa para o desenvolvimento dessa pesquisa se pauta na ideia de contribuirmos com conhecimento geográfico sobre Ilhéus, uma vez que os resultados alcançados pela análise de suas paisagens geofotografadas poderão proporcionar uma experiência no lugar àqueles que tiverem acesso a essa pesquisa, podendo adquirir conhecimento geográfico-humanista do lugar. Tais paisagens poderão convidar a reflexões e sensações acerca da realidade social, que é um desdobramento da ordem política e econômica local, regional e global.

## REVISÃO DE LITERATURA

A Geografia Humanista é uma maneira de fazermos Geografia que, ao se estruturar, buscou e estabeleceu para seus estudos o aporte filosófico e conceitual baseado na fenomenologia, procurando,

assim, entender como as atividades e os fenômenos geográficos revelam a qualidade da conscientização humana (HOLZER, 1999). Ela se apresenta como uma abordagem que busca compreender o espaço geográfico como espaço vivido ou a vida na cotidianidade dos lugares (BUTTNER, 1982; RELPH, 1975; TUAN, 1980).

Logo, ao fazermos uma pesquisa a partir da perspectiva geográfico-humanista, adotamos a paisagem como categoria de representação do espaço geográfico, uma vez que além do visível ela contém os fenômenos vividos pelas pessoas, seu mundo vivido, ou seja, a maneira pela qual se relacionam, vivem e constroem seus lugares.

Marandola Jr (2014) explica que a paisagem “entrou” na ciência geográfica pelo viés da arte, mas acabou por se converter num conceito científico. Ele continua, a Geografia, então, considera a paisagem como o ato de comunicação das pessoas com o mundo, por meio dos seus signos, sua memória, sua identidade, sua cultura, sua arquitetura, sua tradição. Uma paisagem pressupõe a presença das pessoas mesmo quando estão fisicamente ausentes pois, expressa sua realização e existência na Terra. Ela é uma expressão do mundo-da-vida (*Lebenswelt*), isto é, a efetividade do ser-e-estar-no-mundo.

Merleau-Ponty (2006), ao fazer uma reflexão fenomenológica, refere-se à paisagem como uma relação intrínseca entre o corpo e o mundo, que revela diversos modos de existir, contribuindo no entendimento das experiências humanas. A paisagem, então, não desvela uma morfologia, uma subjetividade, nem tem o sentido semelhante à natureza e ao meio ambiente, mas sim, estabelece uma ligação entre todos eles.

Sobre paisagem e subjetividade, Chiapetti, R. (2009, p. 103) escreve

Uma paisagem, então, é o resultado de uma percepção dinâmica, construída a partir do olhar de um observador a um lugar qualquer do espaço em um determinado momento. Contudo, é um olhar com subjetividade, com história, com valores culturais, com seus modos de vida e com seu ponto de vista, sobre aquilo que é observado.

Rocha et al. (2017, p. 176) explicam que na abordagem geográfica a paisagem registra um ensejo da sociedade e as relações desta com o seu lugar, seja ele natural ou cultural

A paisagem tem sua expressão real, mas os sujeitos, de acordo com a idade, grau de escolaridade, gênero, profissão e com a história de sua existência, enxergam-na de forma múltipla, mesmo que em algum momento haja certa similitude no que veem. Afinal, vivemos em sociedade e precisamos nos comunicar.

Duncan (2004) sugere a noção da paisagem como um texto a ser lido e este como um conjunto de palavras que juntas estabelecem significados. Já, para Dardel (2011, p. 30) “A paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma ‘impressão’, que une todos os elementos [que a compõem]”. E Collot (2013, p. 47) complementa, escrevendo que “O sentido de um texto como o de uma paisagem se baseia na disposição dos elementos que o compõem”, ou seja, pelo que é formada, como e há quanto tempo.

Mas, tudo isso implica em quem vê essa paisagem e como a vê, dependendo dos sentidos. É assim para Chiapetti (2017, p. 7) “Uma paisagem pode ser simbólica, representando a expressão dos múltiplos sentidos que nós conferimos ao nosso meio”. Cavalcanti (1998) registra que a paisagem revela o imaginário social, valores, crenças e os sentimentos dos que a constroem, como também, nesta perspectiva há a possibilidade de se trabalhar as intencionalidades que as envolvem pois, elas são consideradas reflexos de uma sociedade, expressando os interesses e necessidades de um determinado momento.

E Trindade (2017, p. 33) coloca a paisagem bem próxima à vida das pessoas, da sua realidade vivida

[...] a sociedade transforma continuamente o espaço e as marcas desse processo ininterrupto ficam registradas na paisagem; ela resguarda, assim, elementos do passado e do presente, e já denuncia as possíveis mudanças rumo a um futuro próximo – o dia seguinte; ou distante – daqui a meses, anos, décadas. [...] A paisagem pode revelar o que está por vir.

A paisagem demonstra a dimensão da existência humana nos lugares da Terra, nossa morada. Para Dardel (2011, p. 10) “A realidade geográfica é primeiramente o lugar em que se está, os lugares de sua infância, o ambiente que lhe chama a sua presença”.

Com relação à fenomenologia, seus conceitos foram primeiramente propostos por Husserl (2000) e revisitados por autores desse campo filosófico, tais como: Bachelard (2005), Heidegger (2005),

Merleau-Ponty (2006) e Sartre (1997). Contudo, Dardel (2011) foi o primeiro a incorporar concepções fenomenológicas no campo da Geografia. Para ele, a Geografia é o meio pelo qual o homem realiza sua existência, na medida em que a Terra é uma possibilidade essencial de seu destino, revelada como é pelo olhar humano sobre os signos, os sentidos e os valores à luz dessa percepção filosófica, cujo objeto é a Terra ou o mundo vivido.

É assim que, para a fenomenologia é a partir de nós mesmos que iremos compreender essencialmente o mundo, as paisagens, os lugares, como também, a importância das vivências experienciadas por aqueles que habitam um determinado lugar. A interpretação ou compreensão fenomenológica busca os sentidos ou a intencionalidade das pessoas para encontrar a significação existencial, por meio de uma descrição crítica e não passiva desse modo de existir.

Segundo Rocha (2007, p. 22)

A fenomenologia busca aquilo que se apresenta como o princípio básico do pensamento filosófico, que é ampliar incessantemente a compreensão da realidade, no sentido de apreendê-la na sua totalidade, destacando a importância das percepções, dos fatos socioambientais, e por fim da intersubjetividade do pensamento, que, como um todo, constitui nosso mundo-vivido, o qual envolve as histórias, os sentimentos, os valores, etc.

A fenomenologia procura sondar a experiência humana de forma rigorosa, tornando possível observar as coisas tal como se manifestam. Seu princípio fundamental é, então, a experiência básica da consciência não interpretada, tendo como proposição maior a compreensão das coisas em si mesmas, ou ainda, representando tudo aquilo que se oferece ao sujeito do conhecimento, por meio das estruturas cognitivas da consciência, segundo Entrikin (1980). Logo, ela tem a ver com os princípios e as origens do significado e da experiência. É alusiva a fenômenos tais como, comportamento, conduta, percepção, topofilia etc., que não podem ser compreendidos somente pela observação e medição, mas que devem primeiro ser vividos para serem apreendidos como realmente são, conforme ressalta Tuan (1980).

Sobre as geofotografias das paisagens, uma fotografia pode não ser fidedigna pois, segundo Scavone (1997, p. 69) ela é “[...] uma representação profundamente subjetiva embora seja tão realista”. Quando fazemos uma intervenção para fotografar uma paisagem, numa fração de segundo materializamos tudo que queremos registrar, que está ali, tudo junto naquela imagem, representando uma paisagem que depois de analisada vai demonstrar a realidade pela nossa subjetividade, experiência, vivência, conhecimento, embebidos de simbolismos e levando em conta nossa ideologia, história de vida... recortes efêmeros do espaço-tempo que permanecem enquanto representação.

Ora, toda paisagem é, então, uma metonímia do espaço-tempo e, portanto, a totalidade espacial também está na paisagem geofotografada. É por isso que consideramos as geofotografias como relatos dos lugares pois, “[...] ler a paisagem é perceber modos de organização do espaço” (BESSE, 2014, p. 31).

Para Chiapetti (2017), como todo texto não verbal uma imagem permite diversas interpretações, consequentemente, é a maneira como apreendemos seu significado que vai revelar nossa leitura desta imagem, neste caso, da paisagem geofotografada. Entre a imagem e a realidade que ela representa existem muitos fatores que podem conduzir nossa leitura. Por isso, tudo depende do nosso conhecimento sobre a realidade, nossa condição cultural, nossa percepção, nossa imaginação, nossos sentimentos... para uma geofotografia ser uma verdadeira representação da realidade do lugar. Como também expressa Martins (2011, p. 65), mesmo que uma geofotografia registre um instante de uma paisagem, há também um dinamismo exposto, pois, ela “[...] descongela esse momento ao remetê-lo para a dimensão histórica da cultura e das relações sociais” dos lugares.

A fotografia é uma forma de comunicação, uma linguagem universal. Na concepção de Salgado (2012, não paginado) “A verdadeira linguagem universal é a fotografia. E para que essa linguagem tenha o poder de transmissão, ela tem de ser bem escrita, bem apresentada, bem-feita. Na realidade, não precisa de legenda”, nem de tradução, somente de alguém para escrevê-la e alguém para percebê-la em suas infinitas possibilidades de interpretação. Fotograficamente, não há impossibilidade ou impedimento de interpretação de qualquer lugar e, nesse sentido “Vivenciar passa a ser recombinar constantemente experiências vividas através de fotografias” (FLUSSER, 2011, p. 93).

Enfim, as geofotografias de paisagens ilheenses se tornam emblemas do relacionamento das pessoas com o tempo e com o espaço, assim como, das relações intersubjetivas. Elas têm importância espacial, já que indiretamente representam lugares no espaço/tempo. Uma característica importante é podem ser lidas pelas pessoas em qualquer lugar do mundo. Contudo, o que faz a diferença é o conhecimento

que cada pessoa tem desse lugar/paisagem, podendo mexer com seus pensamentos, sentimentos, emoções...

## MÉTODO

Nossa pesquisa tem a fenomenologia como caminho metodológico, como também, adotamos essa perspectiva para a análise de cunho geográfico-humanista das paisagens geofotografadas de Ilhéus. Por meio deste método, segundo Rocha (2007, p. 23), a Geografia explica “[...] o mundo enquanto espaço vivido e de vivência, a partir do qual o homem, habitante de um mundo físico e social, influi diretamente sobre os significados e as intencionalidades da sua consciência, onde são construídas e estabelecidas as experiências [...]”.

É uma pesquisa do tipo qualitativa, já que está associada às ciências sociais e humanas e usa a lógica da análise fenomenológica, isto é, da compreensão dos fenômenos pela sua descrição e interpretação, pelo tipo dos dados levantados para a análise. Segundo García Ballesteros (1998, p. 24) “*Empleamos una metodología cualitativa cuando queremos responder a la pregunta de por qué nuestra relación en y con el espacio es de una determinada manera y por qué no es de otra*” [...]?

E Teixeira (2006, p. 137) escreve

Na pesquisa qualitativa o pesquisador procura reduzir a distância entre a teoria e os dados, entre o contexto e a ação, usando a lógica da análise fenomenológica, isto é, da compreensão dos fenômenos pela sua descrição e interpretação. As experiências pessoais do pesquisador são elementos importantes na análise e compreensão dos fenômenos estudados.

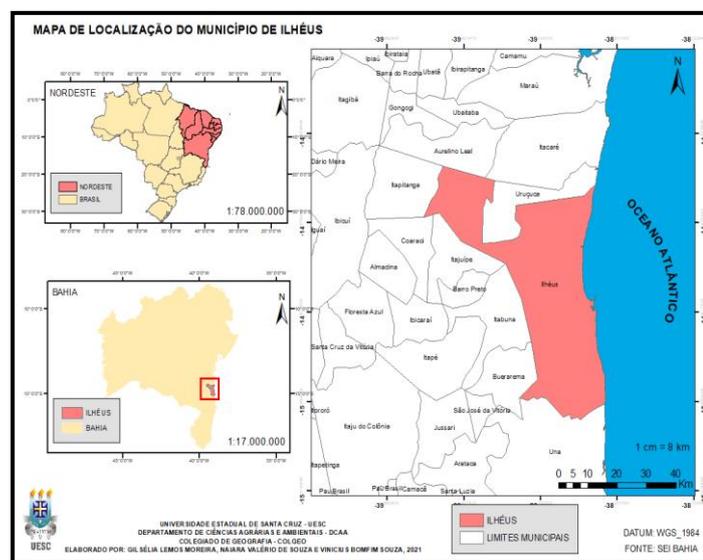
Como procedimentos metodológicos buscamos, inicialmente, embasamento teórico-metodológico e conceitual em fontes secundárias impressas e disponíveis na internet, tais como: artigos de periódicos científicos, livros técnico-científicos etc., todos voltados para o tema da nossa pesquisa.

Na sequência fizemos a identificação e a seleção de paisagens ilheenses significativas, a partir da nossa experiência no lugar, considerando os anos que residimos em Ilhéus, ou seja, nossa vivência no lugar. Empregamos essa estratégia para detectarmos que paisagens eram “mais” vividas/experenciadas, de que maneira estavam carregadas de significado e sentido e que poderiam estar investidas de afetividade por aqueles que as vivenciavam diariamente. Importante esclarecer que não determinamos quantas paisagens seriam geofotografadas *a priori*, mas sim, no momento da execução da estratégia.

Depois das paisagens escolhidas e fotografadas, passamos todas para um computador padronizando-as digitalmente para depois serem analisadas. Como passo seguinte fizemos, então, sua análise, considerando a orientação fenomenológica e a base teórica adotada, com o objetivo de produzirmos conhecimento sobre paisagens/lugares significativos de Ilhéus.

A Figura 1 mostra a localização de Ilhéus no sul do estado da Bahia.

Figura 1 - Município de Ilhéus no sul da Bahia, 2021.



Fonte - Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI/BA) (2021).

## PAISAGENS GEOFOTOGRAFADAS DE ILHÉUS

Escrevemos sobre alguns lugares de Ilhéus, representados em quatro paisagens significativas para seus habitantes, pela nossa experiência no lugar há mais de 25 anos, observando estas paisagens cotidianamente, estudando sobre sua história, considerando as pessoas e procurando entender como pensam, agem, vivem...

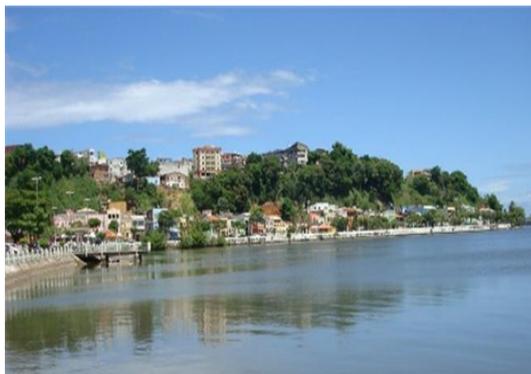
De acordo com Oliveira (2012, p. 15-16) “O sentido de lugar em termos geográficos se dá a partir da experiência, do habitar, do falar e dos ritmos e transformações”, sendo consciente do tempo social e histórico. E para Callai (2000, p. 84) “[...] compreender o lugar, significa entender o que acontece no espaço onde se vive e para além das suas condições naturais ou humanas”, visto que o termo lugar indica experiência e é muito importante na sua compreensão histórica.

É assim que, consideramos essas quatro paisagens como importantes lugares para os ilheenses: Morro do Outeiro de São Sebastião, Cacau, Catedral de São Sebastião e Jorge Amado.

### **Morro do Outeiro de São Sebastião**

Iniciamos a análise das paisagens geofotografadas de Ilhéus pelo Morro do Outeiro de São Sebastião (Figura 2), localizado no centro da cidade, na beira da baía do Pontal, a qual de acordo com Andrade (2003) é um estuário.

Figura 2 - Morro do Outeiro de São Sebastião, Ilhéus-BA



Fonte - Imagem do Morro.

Lá pelos idos anos de 1500, de longe, navegando pelo mar do sul da Bahia... os portugueses avistaram um morro ou uma colina verde, exuberante pela mata, num lugar protegido, no interior de um estuário. Dias (2019, p. 154) assim escreve

Localizado em uma elevação costeira, à margem esquerda do estuário constituído pelos rios Cachoeira, Fundão e Santana (atual Rio do Engenho), o Outeiro de São Sebastião, chamado à época de Santo Antônio, configurava-se em local protegido naturalmente, tendo na contiguidade da planície os elementos naturais necessários às operações econômicas que dariam o sentido da empresa colonial. Tomava forma, assim, o modelo de “cidade alta – cidade baixa”, característico das primeiras vilas e cidades coloniais portuguesas.

“Em seus pés”, os navegantes portugueses apoitaram e foi com a construção de algumas pequenas casas no lugar alto desse morro que se deu o início da ocupação urbana da “primeira vila de Ilhéus – cidade alta ou vila velha” (DIAS, 2019, p. 153), por volta do ano de 1536.

Foi neste lugar que a história portuguesa de Ilhéus começou... onde foram construídas as primeiras casinhas, uma igreja e uma fortificação para proteção contra o inimigo, pois a vegetação densa da época os encobria. Desse lugar era possível avistar todos os pontos de entrada da vila, por terra ou mar, o que dava aos habitantes sentido de proteção dos ataques indígenas. Como também, lá de cima se tinha maior visibilidade para avistar navios estrangeiros que ali chegassem.

Quem conhece Ilhéus poderá perguntar: e o Morro do Pernambuco, ele não é o primeiro na entrada da baía do Pontal? A resposta é sim, mas ele não é protegido, já que fica à beira mar, razão provável de não ter sido escolhido para o início do povoamento português no lugar. Segundo Dias (2019, p. 53)

Nas primeiras aglomerações dos portugueses na costa brasileira observa-se a importância que se dava para o sítio e todo o cuidado para escolhê-lo, pois os colonizadores procuravam territórios altos, onde poderiam se proteger de ataques indígenas ou de estrangeiros. Na parte baixa ficavam o porto e todo o aparato comercial e fiscal relacionado ao comércio ultramarino, como alfândega, armazéns etc.

Importante registrar que foi no ano de 1563, no Morro do Outeiro que os jesuítas iniciaram a construção da sua casa, com cadeia e igreja anexas. Numa perspectiva historiográfica, ao longo dos séculos XVI e XVII, a partir do fortalecimento das pazes com “proprietários” do lugar, os indígenas tapuias, os moradores do alto foram aos poucos se mudando para baixo, na planície perto do mar, e a vila velha foi ficando desabitada. No século XVIII passou a ser chamado de Morro da Matriz Velha, contendo poucas casas e algumas lavouras de subsistência, e assim permaneceu por todo o século XIX. Somente nas primeiras décadas do século XX é que o lugar foi reurbanizado (DIAS, 2019).

Destarte, o Morro do Outeiro de São Sebastião, ou marco inicial da ocupação da São Jorge dos Ilhéus colonial, hoje é visitado por turistas e totalmente urbanizado. Sua atual praça do Cadete ou do Canhão guarda resquícios de uma história antiga, que era um interposto natural para quem subia a ladeira, vindo da vila de baixo. Esse lugar topograficamente é uma chapada altiplana, situada entre dois picos mais elevados nas extremidades norte e sul do morro. Dias (2019, p. 154) se refere a ele como um “Lugar plano e amplo, com uma vista privilegiada para o mar e para o porto de dentro, também era local adequado para a função de feira, por onde tudo que subisse havia de passar”.

Para Mahony (2007), é preciso destacar que apesar de São Jorge dos Ilhéus ser reconhecidamente o quinto núcleo urbano fundado no litoral brasileiro, sua memória colonial foi apagada quase por completo e isso não ocorreu apenas por descaso, mas por uma ação política e discursiva deliberada pela elite hegemônica local, a partir das primeiras décadas do século XX. De acordo com Dias (2019, p. 151) “Seu passado colonial foi associado à imagem de pobreza e decadência, uma longa fase que seria superada somente pela nova dinâmica econômica alavancada pela expansão da lavoura cacauífera, a partir da segunda metade do século XIX”.

Na atualidade, a praça do Canhão no Morro do Outeiro de São Sebastião é usada como mirante para que possamos contemplar a bela paisagem ilheense voltada para a baía do Pontal como para o Oceano Atlântico, além de abrigar resquícios de um canhão, uma pequena estátua do Cristo Redentor e o marco-símbolo de fundação do lugar com a informação de que ali se iniciou a Vila de São Jorge dos Ilhéus.

Essa significativa paisagem geofotografada atribui uma importância afetiva ao Morro do Outeiro pois, registra o lugar da entrada do povoamento português em Ilhéus, assinalando-o indiretamente no espaço-tempo. Está carregada de afetividade pelos ilheenses e, principalmente, pelos habitantes do Outeiro, assim carinhosamente chamado. Portanto, toca os pensamentos, sentimentos, emoções... de quem reconhece tal paisagem na geofotografia do lugar.

Com essa pequena escrita sobre o Morro do Outeiro de São Sebastião podemos conhecer um pouquinho da vida no início do lugar ou o espaço vivido pelos portugueses, primeiros habitantes desde o século XVI.

### **Cacau**

Não poderíamos deixar de registrar o cacau como uma significativa e afetiva paisagem ilheense, como um símbolo da riqueza vivida na região cacauífera e como garantia de trabalho no campo.

Escolhemos a paisagem cacauífera, concordando com Moreira (2013, p. 131)

[...] por entendermos que o cacau representa uma cultura de duzentos anos de história e, portanto, é responsável pela criação de toda uma materialidade construída no espaço da cidade. Essa materialidade que compreende ruas, pontes, porto, aeroporto, estradas, hotéis, praças, jardins e logradouros, permitiu o desenvolvimento do turismo em Ilhéus, além das potencialidades naturais, é claro.

A geofotografia da paisagem cacauífera (Figura 3), conforme adotamos o termo nesse texto, ou a imagem do cacau (*Theobroma cacao*) é estática, mas sabemos que uma paisagem é feita de movimento, cores, sons, odores, beleza ou não, que podem ser percebidos na sua representação

espacial direta, como uma fotografia, por exemplo. Para Castro (2002), a forma como representamos uma paisagem é carregada de valores simbólicos, o que tem a ver com a maneira com que a enxergamos, sendo simultaneamente real e representação do real.

Assim, a imagem geofotografada de uma árvore de cacau é uma representação real de uma paisagem típica das fazendas cacauzeiras da região sul da Bahia. É a mais presente paisagem rural regional, mas também, urbana. Inclusive, na cidade de Ilhéus tem um espaço público denominado de praça do Cacau, além de muitas, muitas árvores de cacau nos terrenos das residências, em pontos comerciais, em terrenos baldios e em outros locais do lugar.

Pensarmos Ilhéus por meio da paisagem cacauzeira nos remete a meados do século XVIII quando suas primeiras sementes foram plantadas na região sul da Bahia, vindas da Amazônia. Inicialmente, sua atividade de plantio se deu paralelamente à atividade de cultivo de cana-de-açúcar e outras culturas, como o arroz, por exemplo. Mas, no final desse mesmo século, com o aumento da demanda no mercado internacional, a produção de amêndoas de cacau passou a ser considerada como uma atividade econômica do lugar, como também marcou sua vida social, cultural e política.

Figura 3 - Cacauzeiro, Ilhéus-BA, 2022



Fonte - Acervo dos autores, 2022.

Chiapetti, J. (2009, p. 8) explica que

A opção da metrópole para a continuidade da exploração da Capitania de Ilhéus foi o cultivo do cacau que, sendo originário da América Central e da América do Sul, encontrou na Mata Atlântica do Sul da Bahia as condições favoráveis e semelhantes ao seu local de origem, com solos apropriados, um clima quente e úmido e de chuvas abundantes.

No entanto, a atividade do cacau foi base econômica da região somente a partir do final do século XIX, mesmo período em que a Vila São Jorge dos Ilhéus foi elevada à categoria de cidade. Assim, o cacau entrou no século XX como uma atividade econômica dinâmica e próspera, articulando a cidade e o campo, tanto que em 1920 Ilhéus tinha aproximadamente 64 mil habitantes, sendo a maioria na sua área rural (MOREIRA, 2013).

Essa paisagem, então, representa todo um crescimento econômico de Ilhéus na época áurea da produção cacauzeira, como também, a vida em movimento no lugar, inclusive transformando sua morfologia espacial, com novas ruas, praças, casarões etc., mas, principalmente, o modo de vida da população. Nesse período, chegaram muitas pessoas vindas de outros Estados e até de fora do Brasil, trazendo outra ou uma nova cultura ao lugar. Como exemplo, conta-se que à tardinha e fins de semana, suas praças mais ajardinadas passaram a ser um lugar de encontro das diferentes classes sociais ilheenses. E assim seguiu até o final dos anos 1980, quando a crise cacauzeira arrasou a região.

Chiapetti, J. (2009) esclarece que tal crise ocorreu devido, principalmente, ao período de queda do preço da arroba da amêndoa de cacau, pela maior oferta no mercado internacional, como também, pelo surgimento de uma doença fúngica denominada popularmente de vassoura de bruxa, que causa o apodrecimento dos frutos do cacau, entre outros fatores.

Apesar da severa crise vivida na região cacauzeira, como não considerar o cacau como uma paisagem afetiva do lugar, se ele foi (ou ainda é?) o próprio lugar por muitos anos?! O lugar tem alma, cheiro, barulho, sabor, estética e é percebido com o corpo e com todos os seus sentidos. Possui espírito,

personalidade, é único, singular. Para cada lugar há uma paisagem, expressão fiel da existência humana. Concordamos com Dardel (2011) quando escreve que as paisagens são as marcas dos lugares, elas dizem o que o lugar é, e expressam ainda a memória do que o lugar foi.

Desse modo, escrevermos sobre algumas paisagens de Ilhéus e não pensarmos nas fazendas cacauzeiras, seria não conhecermos ou não valorizarmos sua memória, sua história. Como um ilheense não intuir sobre o forte cheiro das amêndoas de cacau fermentando!? Como não imaginar o movimento, as cores, a beleza, a alegria e também a tristeza da atividade cacauzeira no sul da Bahia por mais de dois séculos!?

Passearmos pela paisagem cacauzeira é experimentarmos a emanção das sementes fermentando nos cochos, geralmente, embaixo das barcaças nas fazendas cacauzeiras. É também, sentirmos o cheiro dessas sementes secando em cima dessas mesmas barcaças, sob os radiantes raios de sol. É imaginarmos o barulhinho dos pés humanos pisando as sementes cacauzeiras para soltarem a casca, virarem amêndoas e, com o emprego de conhecimento e tecnologia, transformarem-se em deliciosos chocolates. Que alegria!

Mas também, essa paisagem pode nos levar à tristeza... o conhecimento da paisagem cacauzeira no passado nos faz refletir sobre o sofrimento de muitas famílias do lugar pela conduta dos coronéis, donos das fazendas cacauzeiras, que sem dó nem piedade mandavam “dar fim” àqueles que “os incomodavam”. Muitas vezes, isso acontecia porque essas famílias eram proprietárias de um pequeno pedaço de terra que impedia o crescimento das já enormes propriedades cacauzeiras desses coronéis, ou mesmo, por outras razões desumanas. Quanta adversidade!

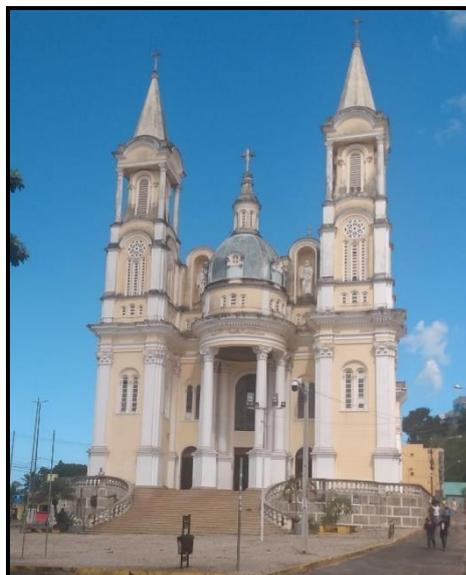
Outro exemplo de uma triste paisagem foi a subjugação dos trabalhadores do cacau a esses coronéis fazendeiros, que os “marcavam” como seus donos. Por vários anos, muitas gerações de trabalhadores foram impedidas de ter um pedacinho de terra, já que eram exploradas pelo seu trabalho e não pagas dignamente, consequência da estrutura do capital de acumulação. Um trabalhador do cacau como dono de uma pequena roça só foi possível a partir da crise cacauzeira, quando a terra perdeu valor econômico. Uma jocosidade!

Sabemos, então, que uma paisagem revela a espacialidade do tempo no lugar, que pode ter sido marcada por alegrias, mas também por tristezas. Assim, lembremo-nos das coisas boas, mas também das atrocidades quando contemplarmos uma geofotografia da bela paisagem cacauzeira do sul da Bahia.

### ***Catedral de São Sebastião***

A Catedral de São Sebastião (Figura 4) está localizada no centro da cidade de Ilhéus. É muito frequentada pelos habitantes do lugar e bastante visitada por turistas, para os quais é um “belo cartão postal”. Isto pôde ser verificado por nós em nossa vivência no lugar e em nossas andanças pelo centro da cidade, em diferentes dias da semana, incluindo os sábados e domingos, durante os anos em que moramos em Ilhéus.

Figura 4 - Catedral de São Sebastião no centro de Ilhéus-BA, 2022



Fonte - Acervo dos autores, 2022.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2022, não paginado), em estilo eclético, religioso, romântico e renascentista, com vitrais artísticos, abóboda e majestosas colunas, a Catedral de São Sebastião é considerada por muitos habitantes do lugar “[...] o mais esplêndido Templo Católico do sul da Bahia, com enorme valor histórico e cultural”. O início de sua construção foi em maio de 1931 por Dom Frei Eduardo Herberhold, da Diocese de Ilhéus e, foi inaugurada em setembro de 1967, levando, portanto, 36 anos para ser finalizada.

Foi edificada no mesmo local da antiga Capela de São Sebastião, construída em 1913, no local chamado de largo de São Sebastião. Por este largo se fazia a passagem da parte baixa para a vila velha, no alto do Morro do Outeiro

A mencionada ladeira fazia ligação com a zona portuária, sendo o principal acesso da parte baixa para a vila velha, provavelmente o único caminho transitável por carroças, aos pés do qual, se formou o largo de São Sebastião, posteriormente dotado de uma capela homônima. Este largo se tornou um elemento morfológico importante de funcionalidade prática e simbólica da vila, espaço de trânsito, comércio e manifestação religiosa. Ali se articulavam as duas malhas urbanas: a da cidade alta e a da cidade baixa (DIAS, 2019, p. 157).

Assim, a paisagem geofotografada da Catedral de São Sebastião se torna muito importante no lugar pela sua localização aos pés do Morro do Outeiro, no chamado largo de São Sebastião, hoje praça Dom Eduardo, que guarda simbolicamente muitos acontecimentos históricos do início da sua ocupação portuguesa. Somos levados a pensar que essa paisagem era o testemunho da fé da população católica ilheenses na época, mas também, a comprovação da influência do poder econômico do cacau no seu período áureo.

Baseados em nossa experiência, mesmo a Catedral de São Sebastião não tendo sido a primeira igreja construída no lugar, pela sua localização e suntuosidade arquitetônica é uma paisagem de Ilhéus que simboliza o crescimento econômico, a fé dos ilheenses e a riqueza daqueles que detinham a produção cacaueteira em tempos passados. Por isso, além do tempo presente, olhemos para o tempo passado do lugar, registrado na paisagem da bela Catedral de São Sebastião!

### **Jorge Amado**

Jorge Amado é uma paisagem real, afetiva e significativa de Ilhéus. Para justificar nossa afirmação, citamos Tuan (1980, p. 107), Jorge Amado viveu em Ilhéus em anos passados com o sentimento que emergiu “[...] por ser o lar, o *locus* de reminiscência e o meio de [...] ganhar a vida”.

Esse conceituado escritor baiano nasceu no vizinho município de Itabuna, quando criança morou nessa casa (Figura 5), que hoje leva seu nome, no centro de Ilhéus e, mais tarde, escreveu demasiadamente sobre a cultura cacaueteira. Além da estátua em frente à sua antiga residência, Jorge Amado está representado também em frente ao Vesúvio (Figura 5), bar imortalizado em seu consagrado romance Gabriela, Cravo e Canela (AMADO, 2008), escrito em 1958, no apogeu da riqueza cacaueteira na região. Tal romance trata das estruturas sociais, culturais, políticas e estilos do passado urbano-regional cacaueteiro, com destaque para o município de Ilhéus.

Figura 5 - Representações de Jorge Amado no centro de Ilhéus-BA, 2022



Fonte - Acervo dos autores, 2022.

A Casa Jorge Amado e o Vesúvio são lugares muito visitados e fotografados por turistas, mas também, curtidos/vividos pelos habitantes do lugar. Afinal, como não apreciarmos o fim de tarde no Vesúvio, acompanhados por um delicioso chope, ouvindo a oração da Ave Maria cantada no autofalante da Catedral de São Sebastião à sua frente, observando os turistas fazerem registros fotográficos “ao lado de Jorge Amado”? É assim que, citando Dardel (2011), este escritor tem o sentido de lugar, sim, principalmente para quem vive, experiencia e aprecia essas paisagens.

Como uma importante paisagem cultural (BESSE, 2014) de Ilhéus, Jorge Amado escreveu quatro livros que abordam o ciclo do cacau e a sociedade ligada à sua produção: Cacau em 1933 (seu segundo romance publicado, quando morava em Salvador); Gabriela, Cravo e Canela em 1958; O Menino Gapiúna em 1981 e Tocaia Grande em 1984; além de outros dois em que a cultura cacauera participa da narrativa complementar: Terras do Sem-fim em 1943 e São Jorge dos Ilhéus em 1944.

Segundo a Fundação Casa de Jorge Amado (2021), sua obra literária composta por 49 livros foi traduzida em 60 países, nos 5 continentes. Ele é um dos autores da língua portuguesa mais traduzidos mundialmente, o que podemos deduzir sobre sua enorme divulgação da cultura cacauera pelo mundo, mesmo que suas obras sejam ficcionais. Ele mesmo contava sobre isso em entrevistas dadas à mídia, neste caso, falando que escreveu os romances que tinham o enredo guiado pelo cacau, inspirado pelos habitantes, lugares, coisas, acontecimentos, enfim, pela cultura urbano- regional do cacau.

A importância dada aos aspectos culturais do lugar cacauero por esse escritor nos remete, de acordo com Panizza (2014, p. 32) “Do visível, do material, do físico e ecológico ao fenomenal, isto é, o modo de ver e de sentir as coisas da paisagem e do mundo que nos envolve”.

Jorge Amado é, conseqüentemente, uma importante paisagem ilheense, ao considerarmos que características de Ilhéus como: os habitantes comuns, os coronéis, o mar, o cultivo do cacau nas grandes fazendas, inspiraram alguns de seus valiosos livros. Aprendamos, então, a ver a paisagem Jorge Amado além do olhar...

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As paisagens geofotografadas de Ilhéus desempenham um papel fundamental na construção da identidade deste lugar e na relação que seus habitantes mantêm com ele. Elas não são imagens estáticas, mas mostram como os ilheenses valorizam e preservam elementos que são importantes para sua identidade, revelando a complexidade e a riqueza das relações com o ambiente em que vivem. As geofotografias, então, revelaram elementos que conectam Ilhéus à sua história, patrimônio arquitetônico, produção econômica e cultura. Além disso, elas forneceram evidências de como essas paisagens são significativas para os seus habitantes, servindo de pontos de referência simbólicos e afetivos no seu cotidiano, estabelecendo conexão emocional com o lugar.

O Morro do Outeiro de São Sebastião é mais do que uma formação geográfica, ele representa um marco histórico que remonta a eventos significativos de Ilhéus desde sua ocupação humana. Como evidenciado na sua geofotografia, ele é um marco histórico fundamental que significa o início da invasão portuguesa no século XVI. Essa elevação costeira não só ofereceu proteção estratégica, mas também moldou a sua configuração urbana ao longo dos séculos. Hoje, como mirante e ponto de referência turística, continua a desempenhar um papel significativo na identidade da cidade, conectando os habitantes ao seu passado e à riqueza de sua história colonial. Essa paisagem geofotografada é uma testemunha viva da importância cultural e histórica de Ilhéus, merecendo ser valorizada e preservada.

A Catedral de São Sebastião não é apenas um edifício religioso e majestoso do centro da cidade de Ilhéus, mas é um símbolo da fé e da arquitetura tradicional do município, sendo uma paisagem marcante e significativa para seus habitantes e turistas. Sua localização estratégica a torna uma testemunha da história do lugar, marcada não apenas pela fé católica, mas também pela influência do poder econômico do cacau durante seu período áureo. A paisagem geofotografada dessa Catedral representa, portanto, o crescimento econômico, a devoção religiosa e a riqueza daqueles que estavam envolvidos na produção cacauera no passado.

O cacau, por sua vez, foi uma parte vital da economia de Ilhéus e da região sul da Bahia e está profundamente entrelaçado com sua identidade. Ele é muito mais do que uma atividade econômica; é uma paisagem real, afetiva e profundamente significativa para a maioria dos habitantes do lugar. Representa não apenas uma cultura com duzentos anos de história, mas também é responsável por moldar toda a materialidade construída na cidade, incluindo ruas, ponte, porto, aeroporto, universidade, estradas, hotéis, praças etc. A geofotografia do cacauero é uma representação vívida da história,

cultura e identidade dessa região... uma expressão viva de um modo de vida marcado por movimento, cor, cheiro, sabor que definiram essa região ao longo dos séculos. Contudo, essa paisagem nos convida a contemplar não apenas as coisas boas e bonitas do lugar, como o “fruto de ouro do cacau”, por exemplo, mas também as adversidades enfrentadas pelos seus habitantes no passado, como também, nos ensina que cada lugar possui suas próprias paisagens repletas de significados e memórias, que precisam ser pesquisadas, estudadas e preservadas.

Jorge Amado é um escritor que transcendeu sua identidade como autor e se tornou uma paisagem viva, afetiva e profundamente significativa de Ilhéus. Ele se tornou inseparável da paisagem ilheense, representando não apenas uma imagem física, mas uma parte da história, cultura e identidade do lugar. Como escritor eternizou os habitantes comuns, os coronéis, a praia, as grandes fazendas de cacau e a cultura única do lugar por meio de seus romances ficcionais, inspirados na cultura regional. Seus livros não apenas encantaram leitores em todo o mundo, mas também proporcionaram uma visão rica da cultura urbano-regional do cacau. Ele ultrapassou o visível e material para revelar o lugar, ou seja, uma maneira de ver, sentir, vivenciar e experienciar a paisagem cacauzeira do sul da Bahia. Portanto, ao contemplar a paisagem de Jorge Amado em Ilhéus, não devemos apenas olhar a imagem do autor, mas também as camadas profundas de história, cultura e identidade que ele incorporou aos seus romances. Esse autor é uma verdadeira paisagem ilheense e sua presença continua a inspirar e cativar aqueles que habitam ou visitam o lugar, convidando-os a explorar não apenas o espaço físico, mas também as histórias e memórias que o permeiam.

Concluimos, portanto, que estas quatro paisagens geofotografadas de Ilhéus são mais do que meros registros visuais; elas representam a interseção entre a realidade física e a subjetividade dos ilheenses, revelando a profundidade do relacionamento entre eles e o seu lugar. Elas também têm o potencial de atrair visitantes, podendo promover o patrimônio cultural do lugar e contribuir para a economia regional, além de serem testemunhas tangíveis da riqueza cultural e histórica do lugar, merecendo, assim, serem valorizadas, preservadas e divulgadas pela pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- AMADO, J. **Gabriela, cravo e canela**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 424 p.
- ANDRADE, M.P. **Ilhéus: passado e presente**. Ilhéus: Editus, 2003. 144 p.
- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 242 p.
- BARTHES, R. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. 144 p.
- BESSE, J. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014. 234 p.
- FUNDAÇÃO Casa de Jorge Amado. **Jorge Amado**. 2021. Disponível em: <https://www.jorgeamado.org.br/a-fundacao/>. Acesso em: 16 nov. 2022.
- BUTTNER, A. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. *In*: CHRISTOFOLETTI, Antonio (org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p. 165-193. 318 p.
- CASTRO, I.E. Paisagem e turismo: de estética, nostalgia e política. *In*: YÁZIGI, Eduardo (org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 121-140. 227 p.
- CAVALCANTI, L.S. Geografia Escolar e a construção de conceitos no ensino. *In*: CAVALCANTI, Lana de Souza (org.). **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas, SP: Papirus, 1998. p. 87-136. 192 p.
- CHIAPETTI, J. **O uso corporativo do território brasileiro e o processo de formação de um espaço derivado: transformações e permanências na região cacauzeira da Bahia**. 2009. 205 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Rio Claro, SP, 2009.
- CHIAPETTI, R.J.N. **Na beleza do lugar, o rio das contas indo... ao mar**. 2009. 216 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Rio Claro, SP, 2009.
- CHIAPETTI, R.J.N. De lá para cá, o Rio das Contas desenhando... suas paisagens. **Mercator**, Fortaleza, v. 16, p. 1-15, 2017. <https://doi.org/10.4215/rm2017.e16012>
- COLLOT, M. **Poética e filosofia da paisagem**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013. 204 p.

- DARDEL, E. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011. 159 p.
- DIAS, M.H. Morfologia urbana da vila colonial de São Jorge dos Ilhéus: Bahia-Brasil, séculos XVI a XIX. **Urbana: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudo sobre as Cidades**, Campinas, SP, v. 11, n. 1, p. 149-171, jan./abr. 2019.
- DUNCAN, J. A paisagem como sistema de criação de signos. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 90-132. 179 p.
- ENTRIKIN, J.N. O humanismo contemporâneo em Geografia. **Boletim de Geografia Teorética**, Rio Claro, SP, v. 10, n. 19, p. 5-30, 1980.
- FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Annablume, 2011. 48 p.
- GARCÍA BALLESTEROS, A. (coord.). **Métodos y técnicas cualitativas en Geografía Social**. Barcelona, Espanha: Oikos-Tau, 1998. 239 p.
- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. 248 p.
- HOLZER, W. Paisagem, imaginário, identidade: alternativas para o estudo geográfico. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R.L. (org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 149-168. 247 p.
- HUSSERL, E. **A ideia da fenomenologia**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2000. 136 p.
- INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Catálogo on-line**: acervo dos municípios brasileiros. 2022. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=430543&view=detalhes>. Acesso em: 7 maio 2022.
- MARANDOLA JR, E.J. **Um sentido fenomenológico de paisagem**: o sentir em mistura do ser-lançado-no-mundo. 2014. 15 p. (mimeo). Texto-base da Conferência proferida no Seminário Internacional Questões Contemporâneas sobre Paisagem, realizado nos dias 9 e 10 de abril de 2014, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2014.
- MAHONY, M.A. Um passado para justificar o presente: memória coletiva, representação histórica e dominação política na região cacauzeira da Bahia. **Especiaria: Caderno de Ciências Humanas**, Ilhéus, BA, v. 10, n. 18, 2007. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/especiaria/article/view/781>. Acesso em: 19 out. 2021.
- MARTINS, J.S. **Sociologia da fotografia e da imagem**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. 208 p.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 672 p.
- MOREIRA, R. **Pensar e ser em Geografia**. São Paulo: Contexto, 2013. 188 p.
- OLIVEIRA, L. O sentido de lugar. In: MARANDOLA JR, E.J.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (org.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 3-16. 307 p.
- PANIZZA, A.C. **Paisagem**: como eu ensino. São Paulo: Melhoramentos, 2014. 175 p.
- PIDNER, F.S. **Geo-foto-grafia**: narrativas espaciais nas imagens de Sebastião Salgado. Salvador: EdUFBA, 2019. 293 p. <https://doi.org/10.7476/9786556302003>
- RELPH, E. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, Rio Claro, SP, v. 7, n. 4, p. 1-25, abr. 1975.
- ROCHA, L.B. *et al.* A paisagem no espaço da vida. In: TRINDADE, G.A. *et al.* (org.). **Geografia e ensino**: dimensões teóricas e práticas para a sala de aula. Ilhéus: Editus, 2017. p. 175-189. 264 p. <https://doi.org/10.7476/9788574555263.0012>
- ROCHA, S.A. Geografia Humanista: história, conceito e o uso da paisagem percebida como perspectiva de estudo. **Revista RA´EGA**, Curitiba, n. 13, p. 19-27, 2007. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/7670/9077>. Acesso em: 19 out 2021. <https://doi.org/10.5380/raega.v13i0.7670>

SALGADO, S. Depoimento. *In: Revelando Sebastião Salgado*. Direção: Betse de Paula. Produção: Patrícia Chamon. Brasília: TV Brasil, Empresa Brasil de Comunicação, 2012. Documentário (75 min.), sonoro, colorido. CD-ROM.

SARTRE, J. **O ser e o nada**: ensaio de uma ontologia fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 1997. 782 p.

SCAVONE, M. Depoimento. *In: PERSICHETTI, S. Imagens da fotografia brasileira*. São Paulo: Editora do SENAC, 1997. p. 67-76.

SUPERINTENDÊNCIA de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI/BA). **Plataformas**. 2021. Disponível em: <https://www.sei.ba.gov.br/>. Acesso em: 7 maio 2022.

TEIXEIRA, E. **As três metodologias**: acadêmica, da ciência e da pesquisa. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. 203 p.

TRINDADE, G.A. Aplicação dos conceitos geográficos no ensino fundamental e médio. *In: TRINDADE, G.A. et al. (org.). Geografia e ensino: dimensões teóricas e práticas para a sala de aula*. Ilhéus: Editus, 2017. p. 29-36. 264 p. <https://doi.org/10.7476/9788574555263.0003>

TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980. 288 p.

TUAN, Y. Geografia Humanística. *In: CHRISTOFOLETTI, A. (org.). Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, 1982. p. 143-164. 318 p.

---

Recebido em: 13/06/2023

Aceito para publicação em: 06/02/2024